

A HISTÓRIA VIRA LITERATURA EM VIDEIRAS DE CRISTAL DE ASSIS BRASIL

Maria Cândida Reckziegel Guedes

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada por ser exigência curricular do curso de Letras - Português/Inglês da Universidade de Santa Cruz do Sul.

O tema escolhido tem sido discutido por muitos estudiosos, que tentam estabelecer limites entre a História e a Literatura, verificando de que forma uma interfere sobre a outra, confirmando-se ou excluindo-se mutuamente.

Como a Literatura, cada vez mais, vem sendo vista como meio importante para que se possa fazer uma releitura da História, decidimos verificar de que forma o episódio dos muckers é apresentado no romance *Videiras de cristal*, do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil.

A releitura da história dos muckers é especialmente interessante para nós, moradores de uma região de descendentes de imigrantes alemães, visto tratar-se de fato acontecido bem perto de nós e há não muito tempo, sobre o qual pouco ou nada se sabe.

Num primeiro momento, detivemo-nos a estudos teóricos sobre o tema História e Literatura; num segundo momento, procuramos conhecer a história oficial do episódio dos muckers, especialmente através da leitura do livro *Os muckers*, escrito pelo jesuíta Ambrosio Schupp, para poder compará-la, num terceiro momento, com a versão apresentada por Assis Brasil em *Videiras de cristal*. Finalmente, na conclusão, retomamos alguns dos pontos principais examinados ao longo desta monografia.

1 HISTÓRIA E LITERATURA

É ponto comum para muitos estudiosos a idéia de que não há como separar História de Literatura, distinguindo o que é real do que é ficção. Alguns historiadores defendem a tese de que a História é objetiva, apenas apresentando os fatos em ordem cronológica, sem defender qualquer ponto de vista. Entretanto,

sendo o historiador um ser humano, difícil é acreditar que ele consiga imprimir total imparcialidade a seu relato.

SANTOS (1990), acreditando na parcialidade dos registros historiográficos, define a relação entre História e Literatura dizendo que a primeira é um relato organizado de fatos importantes da humanidade, enquanto a segunda apropria-se desses mesmos fatos, *chegando a alterá-los, sem que isso signifique necessariamente uma deturpação* (Letras de Hoje nº 80, p. 21-2). Continuando, ele diz que, em alguns casos, a ação do romance é inserida num contexto histórico, resgatando valores desse momento; já em outros, o romance tenta apresentar determinado momento histórico sob nova ótica. Entretanto, para que se possa ter certeza de que o autor está mostrando o passado sob novo ângulo, é necessário que se conheça a verdade histórica.

João Ubaldo Ribeiro, citado por Luiz Fernando Valente (Letras de Hoje nº 81, p. 61), também defende a opinião de que todas as histórias são parciais e que o que se transmite de geração em geração são interpretações da verdade histórica, influenciadas, muitas vezes, por interesses de classes dominantes. A frase empregada por ele para resumir esta idéia é: *Não existem fatos, só histórias* (op.cit. p.61).

João Ubaldo Ribeiro vai além quando afirma que a ficção está mais próxima da verdade do que a História, justamente porque assume a sua parcialidade, a sua incapacidade de resgatar por completo a verdade histórica, e acha que esta verdade estará tanto mais perto quanto mais variadas forem as histórias que se contarem sobre ela.

Nos romances, personagens reais e fictícias coexistem, fazendo com que o leitor menos informado não consiga distinguir umas das outras. Ao contrário do que se possa imaginar, esta coexistência, se não auxilia no entendimento da História, permite que se tenha uma nova visão dela, ou seja, a personagem fictícia apresentará a sua versão dos acontecimentos históricos.

Da mesma forma, as personagens reais poderão ser caracterizadas pelo romancista de maneira completamente diferente daquela a que estávamos acostumados, tornando-se menos idealizadas, mais reais. Este fato também nos levará a uma nova interpretação da História, e muitas situações que antes não estavam bem claras a nossos olhos, poderão então ser compreendidas.

Chaves (1988) diz que romance histórico não é aquele que simplesmente descreve fatos históricos, nem aquele que tem como personagens figuras reais. Romance histórico, para ele, é aquele que, mesmo sendo totalmente fictício, tem como principal preocupação a História e a expressão de uma visão histórica (p.22).

No Brasil, a relação entre História e Literatura vem se modificando com

o passar do tempo. Conforme Flávio Loureiro Chaves (1988), ao Romantismo, em sua fase inicial, foi delegada a missão de propagar a imagem ideal do homem e da sociedade; daí o indianismo, o regionalismo e o nacionalismo, onde eram atribuídas às personagens características de herói.

A vida era retratada na Literatura de acordo com os interesses da ideologia dominante na época. No caso, a História deveria espelhar-se na Literatura, ao invés de a Literatura fundamentar-se em dados históricos, como explica Flávio Loureiro Chaves:

A ficção romântica, evoluindo no rastro das idéias políticas, não se limitava a observar a História; assumiu programaticamente a tarefa de "fazer" a História para construí-la sob uma determinada perspectiva (1988, p.17).

Já no fim de sua vida, José de Alencar publicou o romance *Senhora*, onde detalhes nunca antes revelados do comportamento da classe burguesa começaram a ser denunciados através das atitudes das personagens. Pode-se então, a partir daí, ler *uma outra História; a História que, sem ser rotulada como tal, pode ser inferida do texto de ficção* (CHAVES, 1988, p.19).

Na ficção machadiana, críticas e denúncias contra os acontecimentos políticos da época passaram a ser uma constante. Personagens totalmente fictícias deixavam transparecer veladamente as opiniões e reflexões do autor acerca da realidade que o circundava. Nesse momento, então, pode-se dizer que foi definida para o romance histórico uma nova função, que não mais era a de construir a história da sociedade, e sim a de retratá-la, tal qual já era, denunciando o que havia de errado.

Chaves (1988), conceituando literatura histórica, diz o seguinte:

Por si só, não é história aquela literatura que compete com a crônica pura e simples dos fatos ou inclui em sua matéria eventos e figuras decalcadas diretamente sobre a existência real. Entretanto poderá sê-lo (e com maior força de convicção) aquela que, embora totalmente fictícia, assume como preocupação central a História e a expressão de uma visão histórica (p. 22).

Portanto, o que se pode constatar é que a História vem sendo abordada pela

Literatura, com o decorrer dos anos, por diferentes caminhos. Tendo, a princípio, a função de influenciar as idéias e os acontecimentos de acordo com interesses minoritários, a Literatura pouco a pouco foi sendo descoberta como meio eficaz para a divulgação em grande escala de denúncias contra ideologias ou costumes vigentes.

A princípio os romancistas veiculavam suas críticas e denúncias contra a realidade através de personagens fictícios. Com a evolução das relações entre Literatura e História, personagens reais começaram a invadir o terreno literário, mesclando-se com personagens imaginários. O propósito, então, passou a ser o de proporcionar ao público inusitadas releituras de fatos históricos cujas versões existentes eram consideradas definitivas e intocáveis.

2 A HISTÓRIA DOS MUCKERS

O episódio dos muckers, de acordo com a versão do jesuíta historiador Schupp [s.d.], pode ser resumido conforme segue.

No ano de 1872, às margens do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, mais precisamente na região do morro do Ferrabrás, em São Leopoldo, teve início, entre os imigrantes alemães que viviam nesta colônia, uma nova seita religiosa, liderada por uma mulher chamada Jacobina Mentz Maurer.

No princípio, colonos de toda a região acorriam à casa dos Maurer, localizada no morro do Ferrabrás, em busca de cura para seus males nos chás e ervas medicinais receitados pelo esposo de Jacobina, João Jorge Maurer. Aos poucos, no entanto, a atenção dessas pessoas voltou-se toda para a própria Jacobina que, durante crises de sonambulismo, fazia previsões para o futuro e interpretava a Bíblia de uma maneira nova e surpreendente, apesar de ser semi-analfabeta.

A cada dia mais e mais pessoas chegavam à casa dos Maurer, onde acampavam, a fim de esperar a sua vez de serem recebidas por Jacobina. Esta, considerando-se a primeira pessoa abaixo de Deus, chegou a escolher apóstolos entre os seus mais fiéis seguidores. Cegos na sua crença, os apóstolos viviam para servir a profetisa, que os incumbia também de procurar informar-se sobre os segredos mais íntimos dos sectários, para que ela pudesse, mais tarde, fingir que os tinha adivinhado.

Jacobina proibiu seus seguidores de freqüentarem a igreja e ordenou que tirassem seus filhos da escola, sob a alegação de que ninguém mais necessitaria saber ler e escrever.

Estas atitudes provocaram o surgimento de um movimento contrário à seita

do Ferrabrás, cujos freqüentadores, a esta altura, estavam sendo chamados pelos "ímpios" de muckers, o que significa "santarrões" ou "beatos falsos".

Alguns colonos, católicos e protestantes, resolveram encaminhar à polícia de São Leopoldo um abaixo-assinado solicitando providências no sentido de que fosse dissipado este movimento que, dia após dia, ganhava novos adeptos. A polícia chegou a conduzir João Jorge e Jacobina para a prisão em Porto Alegre mas, quando de seu retorno a casa, os muckers puseram-se a construir, em conjunto, um prédio com espaço suficiente para abrigar todos os sectários. Começaram também a armazenar comida, armas e munições, como se estivessem se preparando para uma guerra. Cada Mucker doava para a seita certas quantias em dinheiro, de acordo com as posses de cada um. Este dinheiro era depositado numa caixa comum.

O ódio dos colonos contra os muckers aumentava à medida que incidentes iam acontecendo. Houve o desaparecimento de um adversário da seita e o suicídio de um adepto da mesma, parente de um policial. O inspetor de polícia da região também foi baleado.

Os colonos solicitaram ao governo que tomasse providências no sentido de banir os muckers da Província do Rio Grande, mas nada foi feito. Os assassinatos tornaram-se cada vez mais freqüentes.

Jacobina, nesta época, separou-se de João Jorge e escolheu para seu companheiro um jovem chamado Rodolpho Sehn, que também já era casado. A profetisa ordenou a seu ex-marido que se juntasse à ex-mulher de Rodolpho. Assim aconteceu também com outros casais, que tiveram que separar-se e unir-se a outros companheiros escolhidos por Jacobina. Um destes casais, não aceitando a imposição, retirou-se da seita e teve como castigo a morte da mulher e dos filhos, queimados vivos dentro de sua própria casa.

Atemorizado com este episódio, o Presidente da Província ordenou a ida de cem policiais para São Leopoldo. Entretanto, estes nada fizeram, a não ser montar acampamento na cidade e ali ficar, em posição de espera.

Enquanto isso, os muckers reunidos no Ferrabrás planejavam novas investidas contra as colônias e tratavam de juntar cada vez maior quantidade de armamentos e munições. Dois deles foram presos pelos policiais acampados em São Leopoldo: Einsfeld e José Klein, este último considerado pelos colonos como sendo o mentor da seita.

Os colonos da região, apavorados com os acontecimentos, começaram a deixar suas casas e a reunirem-se em locais considerados mais seguros, enquanto os muckers, espalhados em grupos pela região, saíam à noite em diligências incendiando casas e matando homens, mulheres e crianças.

O auxílio policial solicitado pelos colonos foi negado por diversas vezes,

sendo que as autoridades do Estado limitavam-se a mandar armamentos e munições aos alemães, para que se defendessem por si próprios. Assim foi feito. Os colonos reuniram-se, armaram-se e passaram a atacar e incendiar as residências das famílias dos seguidores de Jacobina, forçando-os a refugiar-se no mato.

Quando a notícia dos ataques ocorridos nas colônias chegou a São Leopoldo, toda a população atemorizou-se e a ajuda do Presidente da Província foi novamente solicitada, sendo que desta vez cem praças do exército foram enviados para São Leopoldo, sob o comando do Coronel Genuíno Olympio de Sampaio, que havia lutado na guerra do Paraguai.

Na primeira tentativa de ataque à sede da seita, os homens comandados por Genuíno e guiados por colonos da região que conheciam o caminho foram rapidamente derrotados pelos muckers. A casa de Jacobina localizava-se em posição privilegiada, ao pé do morro do Ferrabrás. Só havia um caminho para se chegar até lá, sendo que o restante era mato.

Com a derrota das tropas, mais colonos abandonaram suas casas e fugiram para São Leopoldo, onde a notícia repercutiu com grande intensidade, chegando aos ouvidos do Presidente da Província, que por sua vez transmitiu-a ao Governo Central, no Rio de Janeiro, juntamente com um pedido de auxílio.

Diante das novas circunstâncias, os acontecimentos do Ferrabrás começaram a ser levados mais a sério pelas autoridades, e o auxílio não tardou a ser enviado. Juntavam-se também às tropas grupos de colonos que, mais do que ninguém, tinham pressa de ver dizimada a seita dos muckers, para que pudessem voltar para suas casas e recomeçar suas vidas.

O ataque à casa de Jacobina aconteceu no dia 19 de julho de 1874. Os soldados, em maior número e sem cometer os erros da primeira vez, venceram o combate com facilidade, matando, ferindo e prendendo a maioria dos sectários, os quais tentaram se refugiar em seu templo, que foi incendiado pelos soldados. Jacobina e mais alguns muckers conseguiram escapar pela parte de trás do terreno, embrenhando-se no mato, onde tinham já preparado um esconderijo.

O coronel Genuíno e suas tropas montaram acampamento no local da batalha e trataram de enviar notícias a São Leopoldo, enquanto identificavam os mortos e os feridos. Reinava entre eles um clima de festa pela vitória conseguida. À noite, entretanto, tiros vindos do esconderijo dos muckers acordaram os soldados de sobressalto, e os mesmos passaram a atirar desordenadamente, sem saber contra o que estavam lutando. O coronel Genuíno foi atingido por um tiro e, por falta de assistência médica, acabou morrendo no local.

Sob novo comando, as tropas retiraram-se para um lugar mais longe e um grupo foi escalado para o ataque ao esconderijo dos últimos muckers. A

vegetação no local era bastante cerrada, e os sectários tinham montado um bom esquema de vigilância. Ao primeiro sinal de ataque todos se mobilizaram e começaram a atirar, provocando várias baixas entre os soldados e fazendo com que os mesmos recuassem.

Neste dia, Jacobina ordenou a degola da própria filha, criança que ainda mamava no peito, para que a mesma não revelasse o esconderijo dos muckers através de seu choro. O mesmo foi feito com todas as crianças menores de cinco anos que ainda estavam no acampamento.

Nova investida foi organizada contra o esconderijo dos muckers. Desta vez foram os próprios colonos que, cansados de esperar pelas tropas, resolveram eles próprios adentrar-se na mata. Novamente os muckers levaram vantagem, pois, como já foi dito, tinham a seu favor a vegetação do local, onde conseguiam esconder-se e atacar os inimigos.

As tropas acampadas em Campo Bom trocaram novamente de comando. Ao capitão Dantas, contando com 150 homens, foi destinada a missão de encorajar os soldados, que estavam acovardados devido aos insucessos anteriores. Apesar de serem em maior número, as tropas sabiam que estavam enfrentando inimigos disciplinados e fanáticos pela sua causa.

Desta vez, com um ataque bem planejado e com o auxílio de um Mucker desertor, que se ofereceu voluntariamente para guiar os soldados, as tropas saíram vitoriosas. Jacobina e seus seguidores, em número de dezessete, foram exterminados, pois não quiseram se render até o último minuto.

3 A HISTÓRIA TORNADA FICÇÃO

Luiz Antonio de Assis Brasil escreveu *Videiras de cristal*, um dos seus mais consistentes romances, a respeito do episódio dos muckers. Conforme o próprio autor informa em uma nota ao final de sua obra, o livro de Schupp [s.d.], utilizado por nós como base histórica para este trabalho, também foi por ele consultado, tendo sido considerado *obra clássica e parcial* (ASSIS BRASIL, 1992, p. 541).

Ao lermos os ensaios de Arthur Rabuske, publicados no jornal *Correio do Povo*, começamos a perceber o motivo pelo qual a obra do padre Schupp poderia ter sido definida como parcial por Assis Brasil. Nos referidos ensaios o autor analisa e contesta a opinião de Moacyr Domingues, autor do livro *A nova face dos muckers*, de que os jesuítas teriam exercido papel decisivo na evolução da seita dos muckers e em seu trágico desfecho.

Domingues em seu livro acusa os padres jesuítas de terem provocado a ida

de muitos católicos para o lado de Jacobina Maurer, devido à intransigência com que pregavam sua religião, não permitindo casamentos mistos e batizados com padrinhos protestantes, fatos estes que já eram praticados há vários anos entre os imigrantes alemães.

De acordo com Domingues, teriam sido também os jesuítas muito severos com seus fiéis ao saberem que os mesmos andavam freqüentando a casa dos Maurer, quando do início da seita, e unindo-se aos protestantes para instigar o que viria a ser um forte movimento contra os muckers, cujo desfecho já é por nós conhecido.

Em seus ensaios, Rabuske afirma que os fatos defendidos por Moacyr Domingues não são verdadeiros, visto que não existem documentos que os comprovem. Entretanto, sendo o autor desses ensaios um jesuíta, é inevitável que se coloque em dúvida também a sua imparcialidade ao analisar esses fatos.

No prólogo da obra do padre Schupp, um escritor identificado apenas pelas iniciais P.J., faz questão de ressaltar a objetividade com que teria sido escrito aquele registro, dizendo:

O padre Schupp escreveu com louvável imparcialidade a história dos muckers, consultando autos, relendo jornais da época, ouvindo os depoimentos de testemunhas e comparsas no drama, manuseando documentos partidos destes, assenhoreando-se por essa forma plenamente do assunto (p. X).

No final do livro há a reprodução e a tradução de um abaixo-assinado que teria sido organizado por dezenove moradores de Sapiranga, testemunhas oculares do episódio dos muckers, declarando ter o padre Schupp narrado em seu livro somente a verdade.

Que somente a verdade tenha sido dita até podemos concordar. Porém, esta verdade pertence a uma pessoa que, de certa forma, defendia interesses de pessoas envolvidas no drama (no caso, os jesuítas). A verdade absoluta, embora os historiadores não cessem de persegui-la, dificilmente será encontrada, pois cada um tem a sua própria versão.

Mesmo as versões dos mais consagrados episódios da História não podem ser dadas como definitivas, pois sempre estão sujeitas a uma nova visão. A História do Brasil está repleta de feitos heróicos, os quais certamente vêm sendo narrados e transmitidos de geração para geração sob o ponto de vista dos vencedores. Os vencidos raramente encontram espaço para expressar a sua

versão, a qual possivelmente permitiria uma visão bastante diferente de fatos históricos.

Em se tratando de reescrever a História sob nova ótica, a seita liderada por Jacobina Maurer, foco principal de nosso interesse, foi adaptada para o teatro na forma da ópera pop *Jacobina - Uma balada para o Cristo mulher*, levada aos palcos de Porto Alegre em 1995.

A peça recria desde a época de formação da seita até o trágico extermínio de seus últimos adeptos, enfatizando a situação de abandono em que se encontravam os imigrantes alemães da região do Ferrabrás, situação esta gerada pelo descaso do governo para com os imigrantes, que vieram de sua terra na esperança de que fossem cumpridas as muitas promessas feitas pelas autoridades brasileiras. Jacobina é apresentada em cena como uma heroína que foi capaz de projetar, em espíritos ávidos, a visão da esperança.

A montagem teatral evidencia também a rivalidade entre os protestantes e os católicos da época. Pastores e padres, preocupados em criticar-se mutuamente, não perceberam que os fiéis estavam sendo atraídos por um novo movimento religioso, que, ao invés de críticas e punições, oferecia-lhes abrigo e valorização. Os colonos alemães, vivendo longe de sua terra natal e enfrentando uma situação de miséria e abandono, encontram em Jacobina, segundo a versão teatral da história, conforto para suas dores e esperança em dias melhores.

O personagem Jacob Fuchs, ou Jacó-Mula, do romance de Assis Brasil, é uma caricatura deste imigrante que, sentindo-se humilhado e só, encontra em Jacobina a segurança de que necessitava. Jacó-Mula era ridicularizado por todos, até mesmo pelo pastor e por sua própria família, mas ele não aceitava esta situação:

Dizem que sou um bobo (...) Mas eu não acho que eu seja um bobo. Sou só um homem simples (ASSIS BRASIL, 1991, p.38).

Os meus parentes dizem que não sou bem certo... (ASSIS BRASIL, 1992, p.39).

Ao ir consultar-se com o médico Christian Fischer, Jacob constatou, maravilhado, que o doutor demonstrava interesse por tudo que ele respondia, mesmo que fosse um tolice (ASSIS BRASIL, 1992, p.39).

A gota d'água que fez com que Jacó-Mula se juntasse definitivamente ao grupo dos seguidores da Jacobina foi a humilhação e a situação de ridículo a que foi exposto por alguns colonos em uma roda de amigos que freqüentavam a

mesma venda.

No Ferrabrás, Jacob foi acolhido de braços abertos por Jacobina. Ela consolou-o, dizendo que ele não era um bobo, e sim um pobre de espírito, denominação esta que aumentou o amor próprio de Jacó-Mula, conforme pode ser constatado no seguinte trecho:

Então eu sou um pobre de espírito... de um ser inútil, um quase nada, passava a ser alguma coisa (ASSIS BRASIL, 1992, p.83).

Ana Maria Hofstätter, criada de Jacobina, também revelava sentir-se valorizada estando na companhia dos muckers:

... a fala de Jacobina era sempre um bálsamo e toda vez que a ouvia sentia revigorar-se, deixava de ser aquela infeliz esquecida dos pais, tornava-se uma Escolhida (ASSIS BRASIL, 1992, p.99).

Em seu livro, Pe. Ambrosio Schupp fala de um ritual que era cumprido pelos sectários antes e depois dos encontros religiosos no Ferrabrás, que era o de fazer fila em frente ao quarto de Jacobina para beijá-la. Descrevendo esta cena o jesuíta deixa transparecer este sentimento de valorização que era vivido pelos colonos:

O que é certo, porém, é que aquela gente acabava de receber de Jacobina o osculo dos escolhidos (SCHUPP, [s.d.], p.43).

Entretanto, em nenhum momento Schupp admite que os colonos tenham sido atraídos para a seita porque sentiam-se valorizados como seres humanos. Ele insiste na idéia de que só eram atraídos os fiéis ignorantes, com pouca ou nenhuma instrução, e aqueles que tinham uma formação religiosa deficiente.

Segundo a versão da história oficial apresentada pelo jesuíta Ambrosio Schupp, Jacobina passou a ocupar o papel principal da seita depois que familiares dela leram um livro acerca do sonambulismo, onde se afirmava que o sonâmbulo pode receitar acertadamente remédios para as mais variadas doenças. Este livro teria sido divulgado por toda a colônia, influenciando a opinião pública a respeito da Jacobina:

Como era de prever, a gente da colônia acabou por se convencer de que Jacobina era verdadeira sonnambula, e que, portanto, podia apontar os remédios mais acertados para as diferentes enfermidades (SCHUPP, [s.d.], p.36-7).

Assis Brasil, em seu romance, também fala da influência exercida pelo referido livro sobre a opinião dos colonos a respeito de Jacobina, dizendo terem eles, após a leitura do livro, passado a enxergarem-na como a personagem sonâmbula capaz de profetizar, cujas palavras não podiam ser discutidas nem contestadas.

A versão oficial não fala sobre a posição tomada pelos padres e pastores diante desta situação. No romance, o Pastor Boeber aplica, em determinado momento, um veemente sermão em seus fiéis, terminando por destroçar em pleno púlpito o pequeno livro sobre sonambulismo, e conchamar o povo presente a fazer o mesmo com seus exemplares. Espantados, os fiéis ainda tiveram que permanecer ouvindo um sermão vazio de sentido, repleto de condenações e ameaças.

Padre Schupp acreditava que Jacobina prendia a atenção dos humildes colonos porque interpretava passagens da Bíblia de maneira diferente; acreditava ele que os colonos, que tinham pouca ou nenhuma instrução, eram incapazes de discernir a verdadeira da falsa interpretação:

Quanto mais extravagantes eram as interpretações de Jacobina, e quanto menos as entendiam, mais alevantado era o conceito que formavam da sua sabedoria, chegando a acreditar que era ella inspirada por um espirito superior (SCHUPP, [s.d.], p.38).

Outra divergência observada entre a versão do episódio dos muckers apresentada em *Os muckers* e a versão romanceada de Assis Brasil diz respeito às atitudes de Jacobina e seus seguidores para com os ímpios, isto é, para com as pessoas que não se filiavam à sua seita. Na versão oficial da História, Jacobina foi caracterizada desde o princípio como sendo uma figura ameaçadora, que pregava a discórdia entre as famílias e a violência contra aqueles que não a admitiam como sendo a reencarnação de Jesus Cristo. Diz o Pe. Schupp que os sectários, influenciados por um discurso onde Jacobina antevia o fim do mundo, passaram a armazenar alimentos e munição, *apresentando-se em publico armados até os dentes, como si estivesse imminente uma lucta de vida ou de*

morte (p.79).

Já Assis Brasil, apesar de também narrar várias atrocidades cometidas por Jacobina e seu grupo, dá a entender que as mesmas somente foram praticadas após um grande período de privações, humilhações e agressões a que foram submetidos. Em um de seus discursos, Jacobina, apesar de criticar os pastores, diz que sua luta é pacífica:

Não levantassem um dedo, não erguessem a voz, deveriam manter-se mansos como foi Cristo até o último momento ante Pôncio Pilatos (ASSIS BRASIL, 1992, p.99).

Em um de seus sermões, Jacobina pediu a todos aqueles que tivessem armamentos em casa, que os levassem para o Ferrabrás, a fim de evitar que fossem acusados de desrespeitadores da lei. Havia, entretanto, entre os mais fiéis seguidores dela, alguns que achavam que não era justo terem que viver na situação de miséria em que se encontravam, visto que até a comida lhes estava sendo negada pelos donos de armazéns. Estes fiéis achavam que se devia fazer uso dos armamentos armazenados, a fim de conseguir por força o que lhes era negado. Jacobina, entretanto, mais uma vez aconselhava-os a abrir mão da violência e dava ordens para que um grande buraco fosse cavado no pátio de sua casa, e os armamentos ali enterrados.

Outro aspecto relativo ao episódio dos muckers que merece ser destacado diz respeito à posição tomada pelos padres e pastores da época. Na versão oficial de Schupp [s.d.], um padre, em uma de suas visitas anuais à Sapiranga com o propósito de celebrar missas e administrar sacramentos, tenta convencer alguns ex-católicos a deixarem de freqüentar as sessões no Ferrabrás, alegando que somente a Igreja podia fazer interpretações da Bíblia sem estar cometendo grave pecado. Nesta sua fracassada missão, o padre faz também uma crítica aos protestantes:

Os protestantes - proseguiu o padre - esses sim admitem que qualquer pôde interpretar a Bíblia; elles é que se não pôdem oppôr a que Jacobina a explique como puder... (SCHUPP, [s.d.] p.89).

Esta é uma das poucas passagens em que personagens ligados às religiões católica e protestantes aparecem ou são referenciados no livro do Pe. Schupp [s.d.].

Quanto ao abaixo-assinado organizado pelos moradores no sentido de

solicitar às autoridades policiais de São Leopoldo que fossem tomadas providências contra o crescimento da seita dos muckers, Schupp [s.d.] registra que o mesmo teria sido organizado por um colono chamado Philippe Sehn e redigido por um professor de nome Weiss. Já Assis Brasil (1992) diz que o abaixo-assinado teria sido encabeçado pelo pastor da região.

Em *Videiras de cristal*, Assis Brasil descreve de forma interessante a luta interior travada pelo padre jesuíta Mathias Münsch, ao confrontar o ideal missionário que o tinha trazido da longínqua Alemanha para aquela região do sul do Brasil, com a dura realidade que estava enfrentando, que por vezes o obrigava a proferir palavras com as quais definitivamente não concordava.

Após despejar sobre os fiéis enfáticos sermões condenando e esconjurando a seita liderada por Jacobina, pairavam na mente de Mathias Münsch os seguintes pensamentos:

Preocupava-se mais com as palavras do púlpito. Repetia-as para si mesmo num misto de assombro e preocupação. Eram verdadeiras na essência, mas o tom e os adjetivos traziam uma forte lembrança inquisitorial, própria de outras eras em que a religião se impunha através da força bruta (ASSIS BRASIL, 1992, p.139).

Mais tarde, quando “ímpios” e muckers já começavam a se enfrentar, encaminhando os acontecimentos para o trágico desfecho, o padre compreendeu definitiva e tardiamente que o surgimento da seita tinha sido mera consequência de anos e anos de negligência e intolerância por parte de padres, pastores e autoridades:

Qual a importância de que aqueles colonos fossem católicos, protestantes? A uni-los havia a miséria, o abandono mais abjeto (ASSIS BRASIL, 1992, p.298).

O episódio dos muckers ocorreu na época em que São Leopoldo estava sob administração do partido dos conservadores, que sofriam forte oposição dos liberais.

Assis Brasil (1992) retrata bem estas duas alas políticas, que acusavam-se mutuamente da culpa pelo surgimento do novo movimento religioso:

Eles se armam e juntam homens e estão construindo uma fortaleza e as autoridades conservadoras, na sua estupidez, não movem um dedo. Os conservadores criaram o monstro da ignorância e não são capazes de encarar as conseqüências (ASSIS BRASIL, 1992, p.160).

O próprio Presidente da Província, conservador, apesar de já ter sido comunicado dos fatos que estavam acontecendo na colônia, só toma atitudes mais enérgicas quando uma matéria a respeito do assunto é publicada num jornal opositor:

- Não podemos esperar. Precisamos fazer algo, e já. Logo os deputados liberais estarão batendo à minha porta (ASSIS BRASIL, 1992, p.185).

Tanto Assis Brasil (1992) quanto Schupp [s.d.] abordam o pouco caso com que policiais e demais autoridades trataram a princípio o caso dos muckers. Mandos e desmandos, superiores intrometendo-se, quando lhes convinha politicamente, na área de atuação de seus subordinados, e descrença no poder exercido por Jacobina sobre os colonos fizeram com que as forças militares passassem a tratar um pequeno grupo de resistentes como um temível exército de muitos homens. Este fato é reconhecido até mesmo por Schupp [s.d.], que, escapando a seu propósito de narrar objetivamente a história, tece o seguinte comentário pessoal:

Chegados ao Sapyranga, tratou de contar a sua gente, verificando, então, que se compunha ao todo de cento e cinquenta homens - numero assaz consideravel em relação às forças do adversario (SCHUPP, [s.d.], p.365).

O fato, estranho para a época, de ter sido uma mulher a responsável pelo surgimento do novo movimento, se fez presente no discurso de diversos personagens, em Assis Brasil (1992) e em Schupp [s.d.]. A própria Jacobina, a princípio, questionava-se:

Às vezes me dou conta de que sou uma mulher. Não sei de onde me vem este poder (ASSIS BRASIL, 1992, p.131).

Mais tarde, já ciente do grande poder que exercia sobre seus seguidores, declara:

Toda mulher é forte. E à vezes passa toda a vida sem saber disso, acomodada nos confortos de um marido. A verdade só aparece quando se dá conta da fraqueza do homem com quem vive. Aí passa a viver por si mesma (ASSIS BRASIL, 1992, p.208).

Philippe Sehn, personagem real de Schupp [s.d.], tentando convencer seu irmão João de que Jacobina é uma farsa, diz, externando seu preconceito:

... diz se pôde haver maior loucura do que acreditar que aquella mulher desdentada é Christo (SCHUPP, [s.d.], p.84).

Ainda conforme Schupp [s.d.], um certo padre não admitia a idéia de *que uma mulher da colonia, que mal sabe lêr* (p.89), pudesse entender a Bíblia quando até *homens doutos* (p.89) passaram anos a estudá-la.

Assis Brasil (1992) enfatiza também o espanto de um policial:

- Mas o senhor até agora só falava num homem, o Maurer. E o jornal não falava em nenhuma mulher. Como é que uma mulher pode ser chefe de alguma coisa (p.189)?

- Mas isto é um escândalo, o Chefe de Polícia deslocar-se da Capital por causa de uma mulher (p.189).

As constatações feitas quando da comparação entre a história oficial de Schupp [s.d.] e o romance de Assis Brasil (1992) nos levam a concluir que o segundo relato acrescenta muitos detalhes significativos à narração dos episódios e à caracterização dos personagens.

É importante para a real compreensão dos fatos históricos, que os mesmos

sejam analisados sob um novo ângulo, ângulo este que se permita não ser tão objetivo, e sim proceder à análise das causas que teriam desencadeado certos fatos ou que teriam levado certos personagens a praticarem determinados atos. Esta nova luz foi, com efeito, lançada sobre o episódio dos muckers pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, com seu romance *Videiras de cristal*.

CONCLUSÃO

Ao término desta pesquisa concluímos que a Literatura amplia a visão sobre os fatos históricos, na medida em que apresenta explicações para acontecimentos e aponta causas que possam ter influenciado determinados comportamentos ou atos.

Sem estabelecer uma hierarquia de importância entre Literatura e História, enfatizamos que a primeira é muito importante para a compreensão da segunda, visto que humaniza acontecimentos históricos que, de maneira nenhuma, podem ser relatados imparcial e objetivamente, pois envolvem, desde o momento em que ocorrem até o momento em que são narrados, seres humanos complexos e influenciáveis.

Conforme dito no início deste trabalho, a verdade absoluta estará tanto mais perto de nós quanto mais variadas forem as histórias que se contar sobre ela. O romance lança uma nova luz sobre a versão oficial dos fatos, podendo ser útil à compreensão dos mesmos. O romance pode até mesmo alterar por completo nossa opinião a respeito de episódios e personagens, transformando heróis em vilões e vice-versa.

O importante é que estejamos sempre abertos a novas interpretações, que nunca consideremos definitiva uma determinada versão, e que sempre procuremos compreender vencidos e vencedores. A Literatura sempre poderá nos ajudar neste propósito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de cristal*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. 542p.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1988. 94p.
- COSTA, Lúcia Militz da. *Ficção brasileira: paródia, história e labirintos*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 1995. 118p.
- RABUSKE, S.J., Pe. Arthur. Jesuítas leopoldenses face à seita do Ferrabraz. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 dez. 1977. Caderno de Sábado, p.8-9.
- _____. O papel exercido pelos jesuítas em São Leopoldo segundo "A nova face dos muckers". *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 dez. 1977. Caderno de Sábado, p.8-10.
- _____. A documentação relativa aos "muckers" existente no "Intramuros" jesuítico. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 dez. 1977. Caderno de Sábado, p.14-5.
- _____. A documentação relativa aos "muckers" existente no "Intramuros" jesuítico. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 dez. 1977. Caderno de Sábado, p.12.
- _____. Jesuítas leopoldenses face à seita do Ferrabraz. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 07 jan. 1978. Caderno de Sábado, p.14-5.
- SANTOS, Volnyr. José Saramago: história & estória. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.25, n.80, p.21-9, jun. 1990.
- SCHUPP, Ambrosio. *Os muckers*. 2.ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer. [s.d.] 405p.
- VALENTE, Luiz Fernando. Viva o povo brasileiro: ficção e anti-história. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.25, n.81, p.61-74, set., 1990.